

# Povos indígenas em Mato Grosso do Sul

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.141656>

## Maria Agustina Morando

🏠 *Universidad de Buenos Aires | Buenos Aires, Argentina*

✉ *agusmoar@gmail.com*

**CHAMORRO, Graciela e COMBÈS, Isabelle (orgs.). 2015. Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura, transformações sociais. Dourados, Ed. UFGD. 934 pp.**

Esta coletânea nasceu como uma iniciativa para contribuir com o conhecimento sobre os povos indígenas do estado de Mato Grosso do Sul. A ideia por trás do trabalho aqui apresentado é realizar um aporte à implementação da lei 11.645 de 10 de março de 2008, que estabelece como obrigatória a inclusão no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio

da história e cultura afro-brasileira e indígena. Nesse sentido, *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura, transformações sociais* constitui uma tentativa de explorar a profundidade histórica do Mato Grosso do Sul, imprescindível para a compreensão da conjuntura sociopolítica atual desse estado instaurada por uma colonialidade hoje em dia em crise. Os trabalhos aqui apresentados abordam um vasto leque de problemáticas vinculadas à questão indígena, a partir de diferentes ângulos. Porém, essas problemáticas afetam não somente as populações indígenas desse estado como também aquelas que moram em outros estados do Brasil (tais como Mato Grosso, Paraná, Goiás, Minas Gerais e São Paulo) e em zonas adjacentes, por exemplo, o oriente boliviano ou o Chaco boreal.

Desde o ponto de vista arqueológico, destacam-se uma série de pesquisas que visam dar ao leitor um panorama dos povos que habitavam o atual território do estado de Mato Grosso do Sul na época pré-colonial. Por exemplo, Pedro Ignacio Schmitz e Jairo Henrique Rogge analisam a história das antigas populações indígenas do vale do Rio Paraguai e sua ocupação. Por seu lado, Pedro Ignacio Schmitz, Marcus Vinicius Beber e Ellen Veroneze discutem os resultados de um conjunto de pesquisas sobre a ocupação dos blocos areníticos do Alto Sucuriú entre 8 mil e 4 mil anos antes de Cristo. Seguidamente, Eduardo

Bespalez trata da dinâmica histórica e cultural dos processos de formação do registro arqueológico na Terra Indígena Lalima ocupada ao longo dos séculos por diversos povos, entre eles os Guaikurú, os Terena, os Kinikinau e os Layaná. Rodrigo Luiz Simas de Aguiar apresenta uma pesquisa sobre as pinturas ruprestres do estado de Mato Grosso do Sul, que são um testemunho da vivência social das populações pré-coloniais do Brasil Central. Emília Mariko Kashimoto e Gilson Rodolfo Martins, por seu turno, fornecem dados relativos aos sítios arqueológicos de indígenas agricultores ceramistas na região do Alto Paraná que datam, os mais antigos, aproximadamente de 400 anos A.C.

A análise histórica das diferentes trajetórias dos povos indígenas dessa região durante a época colonial também adquire uma importância notável. Assim, por exemplo, Paulo Roberto Cimó Queiroz apresenta, desde uma perspectiva diacrônica, uma análise do processo de configuração do território sul-matogrossense a partir de uma série de complexos deslocamentos demográficos (como os de populações indígenas oriundas da Amazônia, do Chaco e da costa atlântica e de populações europeias), desde meados do século XVI até as últimas décadas do século XX. Outras pesquisas concentram-se nas representações indígenas presentes nas fontes históricas. Nesse sentido, Protasio Paulo Langer analisa a presença de grupos indígenas rio-platenses no atual território de Mato Grosso do Sul tendo como base a cartografia do século XVII elaborada a partir de crônicas da conquista espanhola do Rio da Prata e da atuação missionária jesuítica na região em questão. Márcia Campos e Sonia Maria Couto Pereira discutem, por seu lado, as informações e os dados deixados por um conjunto de cinco viajantes que percorreram o território do atual estado de Mato Grosso do Sul durante século XIX sobre os indígenas da região, sobretudo Guaikurú, Guaná ou Chané e Guató. Em outro dos trabalhos, Isabelle Combès visa fazer uma aproximação à questão do povoamento étnico do Alto Paraguai e do Pantanal, particularmente dos complexos “Orejones” e “Xaray”, a partir dos escritos deixados pelos primeiros exploradores europeus que chegaram a esses territórios entre os séculos XVI e XVII. Seguidamente, Chiara Vangelista trata a influência das raízes históricas e culturais payaguá nas sociedades brasileira e paraguaia da região. A mesma autora apresenta uma pesquisa que versa sobre as complexas mudanças pelas quais atravessou o povo bororo desde começo do século XVIII até as primeiras décadas do século XX. Os dados fornecidos neste trabalho são complementados por Antônio Aguilera Urquiza, que realiza uma abordagem da história bororo e sua vinculação com o avanço das frentes de colonização, as guerras entre indígenas e colonos, a expropriação de terras e a presença missionária, o que permite compreender sua situação na atualidade. Finalmente, Odair Giralдин aborda a presença histórica dos Cayapó-Panará nos estados de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso entre os séculos XVIII e XX.

O estudo das experiências missionais entre os indígenas do Mato Grosso do Sul também tem lugar entre as pesquisas aqui apresentadas. Assim, Graciela Chamorro, Isabelle Combès e André Freitas analisam as primeiras tentativas de evangelização no Itatim, região evangelizada tomando o modelo de “missão por redução”. Roberto Tomichá Charupá, em seu capítulo, estuda a presença dos diferentes povos que integraram a missão de Chiquitos no século XVIII a partir de fontes diretas. Carlos Barros Gonçalves e Renata Lourenço abordam a inserção do protestantismo histórico de missão representado pelas igrejas Congregacional (1855), Presbiteriana (1862), Metodista (1878), Batista (1882), Episcopal (1889) e Presbiteriana Independente do Brasil (1903) com especial ênfase no caso da Missão Evangélica Caiuá e seu devir histórico. Em seguida, Noêmia Moura e Grazielle Acçolini abordam o processo de terenização do cristianismo pelas lideranças religiosas terena do Mato Grosso do Sul a partir do caso da Terra Indígena Taunay/Ipegue. Levi Marques Pereira e Graciela Chamorro, por sua vez, apresentam uma análise da atuação das igrejas evangélicas pentecostais das chamadas segunda e terceira ondas entre os povos kaiowa, guarani e terena da Reserva Indígena de Dourados (RID). Para finalizar os estudos sobre as experiências missionais entre os indígenas do Mato Grosso do Sul, Meire Adriana da Silva registra em seu trabalho as práticas religiosas e políticas da Igreja Católica e suas relações com o indigenismo representado pelo órgão governamental oficial, a Fundação Nacional do Índio (Funai), desde o final da década de 1970 até meados de 2002, a partir dos casos guarani e kaiowa.

A história dos povos indígenas no Mato Grosso do Sul também foi marcada pela relação não apenas com missionários pertencentes a diversas ordens religiosas, mas também bandeirantes e sertanistas. Manuel Pacheco Neto e Ana Cláudia Marques Pacheco discutem, assim, a exígua presença dos indígenas na historiografia europeia ligada à expansão bandeirante no setor oeste do Mato Grosso do Sul. Glória Kok analisa a reconfiguração dos territórios indígenas após a conquista do sertão de Mato Grosso no século XVIII, levando em conta os movimentos de expansão paulista pelo oeste da América portuguesa. Como explica a autora, este processo de expansão deu-se principalmente por meio das guerras coloniais, tornando-se as fronteiras espaços de intercâmbio cultural multiétnico e tendo por resultado um forte processo de miscigenação.

Outro grupo de pesquisas apresentados neste livro busca entender o panorama atual dos povos indígenas do Mato Grosso do Sul a partir da análise da sua história recente. Assim, Anna Maria Ribeiro Costa oferece dados sobre a situação dos Guató após a divisão do estado em 1977, a fim de compreender a forma com que esse povo indígena concebe sua organização socioterritorial ao longo de sua etno-história. Carlos Alberto dos Santos Dutra trata seguidamente da questão territorial entre os Ofaié após seu retorno da Reserva Kadiwéu na

região da Serra da Bodoquena, município de Porto Murtinho (MS), para onde foram transferidos pela Funai em 1978.

Outras contribuições que tratam do estudo da história recente dos povos do Mato Grosso do Sul referem-se aos povos que têm se deslocado desde o Chaco boreal para o Mato Grosso. O trabalho apresentado por Nicolas Richard e Isabelle Combès versa sobre os povos que conformam o complexo alto-paraguaiense. Nele, os autores retraçam sua partida do Chaco boreal até a sua chegada ao Mato Grosso. Noêmia Moura e Grazielle Acçolini concentram-se na relação entre os Terena e o Estado brasileiro nos últimos dois séculos. Iára Quelho de Castro, por sua vez, estuda a consciência histórica dos Kinikinau em relação ao território. Por fim, a pesquisa de Giovani José da Silva versa sobre o devir histórico dos Kadiwéu e dos Chamacoco e sua presença no Mato Grosso do Sul.

Na coletânea, dedica-se também um espaço para tratar da história atual dos povos falantes de guarani. Em primeiro lugar, Graciela Chamorro apresenta a situação atual dos Kaiowa e Guarani Ñandéva, numa análise diacrônica que abarca o período compreendido entre os séculos XVI e XXI e percorre diversos temas, como a organização sociopolítica, a língua, a arte, a cultura material, o ritual e a cosmologia. Pablo Antunha Barbosa, por sua vez, discute como a importância do conhecimento da história guarani do século XIX no estado do Mato Grosso do Sul é crucial para compreender sua trajetória contemporânea nessa região, embora tenha recebido pouca atenção da historiografia local. Seguidamente, Katya Vietta apresenta um conjunto de relatos orais colhidos entre os Kaiowa que habitam nas Terras Indígenas Panambizinho (Dourados) e Panambi-Lagoa Rica (Douradina), na Reserva de Dourados (Dourados) e nos acampamentos Laranjeira Ñanderu (Rio Brilhante) e Aroeira (Rio Brilhante) – todos eles situados no centro-sul do estado. Eva Maria Luiz Ferreira e Gustavo Costa do Carmo analisam o papel da mão-de-obra indígena kaiowa e guarani no estabelecimento e desenvolvimento dos primeiros empreendimentos econômicos no sul do estado de Mato Grosso do Sul, como o trabalho com a erva-mate, a atividade agropecuária e o desmatamento das áreas florestais do estado. Antônio Brand, Fernando Augusto Azambuja de Almeida, Eva Maria Luiz Ferreira e Rosa Sebastiana Colman abordam a questão territorial entre os Guarani e os Kaiowa a partir de uma série de documentos relativos ao processo histórico de configuração de suas terras.

Ao final desta seção sobre os estudos sobre a história indígena atual da região, apresentam-se duas pesquisas que tratam de dois povos que habitam atualmente o Mato Grosso do Sul, mas que chegaram a essa região em épocas recentes: os Camba e os Atikum. Por um lado, Ruth Henrique procura no seu trabalho abordar as construções identitárias e as estratégias elaboradas pelos Camba da localidade de São Francisco, no Pantanal sul-mato-grossense,

região de fronteira entre Brasil e Bolívia. Isto leva a autora a analisar os fluxos migratórios dos Camba e as fronteiras e limites do deslocamento do grupo, marcados por um processo contínuo de produção e reprodução dos materiais culturais. Por outro lado, no que diz respeito aos Atikum, Gabriel Ulian aborda os processos de territorialização a partir do momento em que esse povo abandona a Serra do Umã no sertão pernambucano entre fins da década de 1970 e início da década de 1980 por meio de diversos movimentos migratórios, até que atualmente se estabelecem em terras terena, no município sul-mato-grossense de Nioaque, bem como na periferia das áreas urbanas do mesmo município.

As pesquisas até aqui apresentadas revelam principalmente dados de natureza arqueológica e histórica. Porém, a coletânea busca também entender outros aspectos da questão indígena, por exemplo, a arte. Assim, Rodrigo Luiz Simas de Aguiar e Levi Marques Pereira tratam, a partir de uma abordagem antropológica, das diversas formas e estilos de arte presentes entre os povos indígenas do estado do Mato Grosso do Sul, em um esforço para situar a produção da região no contexto das discussões atuais sobre arte indígena. Os autores identificam e situam as diferentes formas artísticas dos povos indígenas, colocando o foco nos artefatos dos povos guarani, kaiowa, terena, kadiwéu e kinikinau a fim de contribuir com a discussão e o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema.

A compilação também é composta de trabalhos que tomam uma abordagem linguística. Além da forte presença da língua portuguesa (língua oficial do Brasil), o estado do Mato Grosso do Sul concentra um vasto leque de línguas, algumas delas indígenas e outras de imigrantes não indígenas. A esse respeito, Andrébio Márcio Silva Martins e Graciela Chamorro apresentam um panorama da situação dos povos indígenas, levando em conta as especificidades de cada região. Os autores trabalharam com as informações deixadas por missionários, naturalistas, antropólogos, arqueólogos, sociólogos e linguistas com objetivo de esclarecer o estado atual dessas línguas. Levando em consideração a grande diversidade linguística do estado, neste trabalho salienta-se a necessidade de continuar ampliando as pesquisas sobre as línguas indígenas.

Outro aspecto de relevância para a compreensão da questão indígena é a análise das políticas indigenistas. Assim, Tadeu Mota analisa especificamente a implementação da política indigenista do período do Império na Província de Mato Grosso até o início da década de 1850 e o impacto dela sobre as populações indígenas, a partir de diferentes propostas para integrar os povos ao Estado nacional, por exemplo, o “Serviço das Missões de Catequese e Civilização dos Índios”. De modo complementar, Cláudio Alves de Vasconcelos aborda o período que se estende entre os anos de 1845 e 1889. Levi Marques Pereira detém-se sobre o período do estabelecimento da Reserva Indígena de Dourados (RID),

criada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) no ano de 1917, numa área historicamente ocupada pela etnia kaiowa e onde habitam atualmente não apenas os Kaiowa, mas também os Guarani e os Terena. Ainda nesse sentido, Spensy Pimentel debate os conflitos sobre a perda de terras indígenas por parte dos Guarani e dos Kaiowa no final da década de 1970.

A coletânea se encerra com uma série de relatos e testemunhos indígenas, reunidos por vários autores, que ilustram as passagens do livro. As narrativas referem-se aos processos de lembrança sobre um conjunto de episódios, por exemplo, o processo, estabelecimento e constituição da regularização das terras do Posto Indígena Terena Limão Verde; os deslocamentos recentes dos Ofaié e Atikum; as experiências do cotidiano kaiowa na Empresa Matte Larangeira, empresa que atuou na exploração de erva-mate no sul de Mato Grosso; e relatos de indígenas vivendo em contexto urbano. Essas vozes chamam a atenção para os processos de mudança dos povos do Mato Grosso do Sul e permitem conhecer a complexidade das dinâmicas indígenas, bem como sua situação atual.

Em conclusão, a obra aqui apresentada é fruto de um trabalho conjunto que integra um esforço por promover e visibilizar o papel desempenhado pelos povos indígenas na história do Mato Grosso do Sul, desde a época pré-colonial aos dias de hoje. Seu mérito é prover, desde uma perspectiva diacrônica da longa duração, um panorama minucioso das populações indígenas que habitaram e habitam o estado brasileiro do Mato Grosso do Sul. Tal tipo de análise marca fortemente o caminho a seguir nas pesquisas indígenas na América Latina e se revela indispensável para compreender e discutir as problemáticas que elas enfrentam hoje em dia.

---

**Maria Agustina Morando** é doutoranda em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires e bolsista do Conicet (Argentina).